

*Toto notus in orbe Martialis*

Celebração de Marcial  
1900 anos após a sua morte

Coordenação

Cristina de Sousa Pimentel

Delfim F. Leão

José Luís L. Brandão

Instituto de Estudos Clássicos  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Departamento de Estudos Clássicos  
Centro de Estudos Clássicos  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

## AUTORES DE REFERÊNCIA NA OBRA DE MARCIAL

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO  
Universidade de Aveiro

**Abstract:** By analysing the references to the various Greek and Latin writers expressed by Martial, we try to understand the importance attributed to them by the poet of Bilbilis.

Uma leitura, por mais simples que seja, da obra de Marcial faz-nos encontrar um número bastante razoável de nomes de autores. De facto, Marcial utiliza alguns dos seus epigramas para referir toda uma série de escritores de que possuímos pouca ou nenhuma informação quer se trate de contemporâneos quer de autores mais antigos, mas não deixa de nos referir também o nome de alguns outros que, já nessa altura, apareciam como referência evidente na literatura latina e, em alguns casos menos numerosos, também na literatura grega. Acontece até que, em algumas situações, a divulgação destes nomes só é feita através dos epigramas do bilbilitano, como é o caso de alguns contemporâneos do poeta.

Como é evidente, a utilização de uns e a omissão de outros não foram fruto do acaso antes estiveram ligadas a alguns condicionalismos. Teremos, pois, de ter em atenção a visão pessoal do poeta; a época em que se insere, as características específicas do epigrama e não poderemos esquecer a temática de alguns dos seus livros. Não é, pois, de estranhar que dois dos seus livros (*De spectaculis* e *Xenia*) estejam isentos destas referências e que um terceiro (*Aphophoreta*) as contenha, mas de uma forma restrita já que quase se limita à apresentação do nome dos autores e dos respectivos livros<sup>1</sup>. De facto, consideramos que não se trata de mera

---

<sup>1</sup> Apesar de este livro, a exemplo do que se intitula *Xenia*, possuir um conjunto de características particulares, que limita, de forma drástica, a margem

coincidência, pois estamos perante os três primeiros livros do poeta, que, entre outros objectivos, terão também servido de ensaio para os voos mais altos que acabou por concretizar com os restantes doze livros que constituem a sua obra<sup>2</sup>.

Passemos, no entanto, ao lado de uma lista completa e genérica de autores e concentremo-nos apenas nos nomes de referência, isto é, os nomes daqueles cuja obra sobreviveu até aos nossos dias ou que, já para os antigos, eram referência obrigatória. Esta lista, comparada com a primeira, sofre, como é evidente, uma profunda redução, ainda que continue a apresentar um volume significativo<sup>3</sup>.

Ora, se excluirmos as referências contidas nos *Apophoreta*, que, embora mais antigas, se terão de enquadrar em outro tipo de análise dada a natureza e o destino dos textos apresentados, deparamos—logo na epístola dedicatória que aparece a abrir o livro primeiro — com a referência, de uma única vez, a quatro autores: Catulo, Marso, Pedão e Getúlico com o claro intuito de enquadrar o tipo de poesia que vai ser apresentada, o epigrama, nomeadamente ao nível da liberdade da linguagem:

*«Lasciuam uerborum ueritatem, id est epigrammaton linguam, excusarem, si meum esset exemplum; sic scribit Catullus, sic Marsus, sic Pedo, sic Gaetulicus, sic quicumque perlegitur<sup>4</sup>.»*

---

de manobra do autor, não pode deixar de se sublinhar a capacidade de Marcial para conseguir ‘dar um ar da sua graça’ e inserir alguns comentários pessoais sobre os autores a que se refere.

<sup>2</sup> Veja-se o que escreve Cristina Pimentel a este respeito em Marcial, *Epigramas* (vol. I), Introdução e notas de Cristina Pimentel; traduções de Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira (Lisboa, Edições 70, 2000), p.11.

<sup>3</sup> Iremos ater-nos apenas às referências onde se torna clara a identificação do autor, deixando de lado as reminiscências, as alusões, etc., mesmo quando estas são óbvias. Pretendemos tão só ver a importância que Marcial atribui a estes autores através de referências directas. De facto, um estudo mais abrangente de toda esta problemática, além de se não enquadrar, dada a sua magnitude, no âmbito de um trabalho desta natureza, teria, forçosamente, de dedicar particular atenção, entre outras coisas, às características específicas do público de Marcial, às condicionantes epocais, ao género epigramático e aos modelos que o Biblilitano seguiu ao escrever a sua obra.

<sup>4</sup> Cf. 1.pref.4. Para o texto latino, adoptamos a edição de D. R. Shackleton Baley, publicada em *The Loeb Classical Library*, Harvard University Press, Cambridge (Massachusetts)-London, 1993. Faremos sempre a substituição de *v* por *u*.

«A sinceridade brejeira das palavras, isto é, a linguagem dos epigramas, dela me excusaria, se fosse meu o exemplo: é que assim escreveu Catulo, assim Marso, assim Pedão, assim Getúlico, assim qualquer um que quer ser lido de fio a pavio<sup>5</sup>.»

À exceção de Catulo, que merece um grande conjunto de referências por parte de Marcial — e a que voltaremos mais tarde —, e de Getúlico, que só surge neste passo, os outros dois autores vão ter, no essencial, um tratamento marcado pela referência ao epigrama e por uma visão de conjunto. De facto, Pedão merece mais duas referências: a primeira, em 2.77, em que aparece associado a Marso, como ‘modelos’ do epigrama; a segunda, em associação com Marso e Catulo, mas ainda como ‘modelos’ a seguir na construção epigramática<sup>6</sup>. Quanto a Marso, para além das referências que acabámos de mencionar, surge ainda mais cinco vezes: em duas aparece ao lado de Catulo, como paradigmas do género epigramático<sup>7</sup>; em outras duas, aparece caracterizado como um mau poeta épico<sup>8</sup>; e, finalmente, surge em uma outra, associado a uma personagem feminina da sua obra (ou da sua vida), em contrapé com Vergílio e os seus louvores de Aléxis<sup>9</sup>. É, pois, evidente que, na

---

<sup>5</sup> Por evidente comodidade, mas, sobretudo, por se tratar de uma boa tradução, utilizaremos, sempre as traduções publicadas em Marcial, *Epigramas* (vol I, II, III e IV), Introdução e notas de Cristina Pimentel; traduções de Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira (Lisboa, Edições 70, 2000 (I e II), 2001 (III) e 2004 (IV)).

<sup>6</sup> Cf. 5.5.

<sup>7</sup> Cf. 2.71 e 7.99.

<sup>8</sup> Cf. 4.29.7-8: *Saeptius in libro numeratur Persius uno / quam leuis in tota Marsus Amazonide* «Mais vezes se cita Pérsio, com um só livro / que o frouxo Marso e toda a sua *Amazónis*» e 8.55(56).21-24: *Quid uarios Marsosque loquar ditataque untum / nomina, magnus erit quos numerare labor? / Ergo ero Vergilius, si munera Maecenatis / des mihi? Vergilius non ero, Marsus ero* «Para quê falar dos Marsos e dos ditosos nomes / de vates, que muito trabalho darão a citar? / Serei, portanto, um Virgílio, se as dádivas de Mecenas / me concederes? Virgílio não serei, Marso serei.» Embora seja possível vislumbrar aqui uma referência remota a um outro Marso, cremos que se trata de um único autor em todas as circunstâncias.

<sup>9</sup> Cf. 7.29.7-8: *Et Maecenati, Maro cum cantaret Alexin, / nota tamen Marsi fusca Melaeis erat* «Embora Marão cantasse o seu Aléxis, também Mecenas / conhecia a negra Melénis de Marso».

apreciação que Marcial faz a este último autor, há, claramente, duas vertentes diferenciadas: por um lado, a sua faceta de epigramatista, que é apresentada como modelo e, como tal, uma salvaguarda para algumas das características dos epigramas do nosso autor, e, por outro, a sua dedicação à epopeia, que, de acordo com as palavras do poeta de BÍlbilis, deixaria muito a desejar e, sobretudo, não teria comparação possível com Vergílio.

Sublinhe-se ainda que todas as referências — que são feitas a estes autores e que têm como contexto o epigrama — se encontram marcadas por uma ligação às características da poesia que Marcial se encontra a escrever.

Se nos quisermos manter ainda no âmbito das referências ao epigrama, encontramos um outro texto em que o poeta se desloca da literatura latina para a literatura grega e onde apresenta os dois autores de epigramas gregos que, na sua opinião, ocupariam os primeiros lugares, Brutiano e Calímaco, para depois encenar a transferência do primeiro para as letras latinas e se enquadrar a si próprio na lista dos melhores, aspirando ao segundo lugar<sup>10</sup>.

Enquadramento diferente merece uma série de outros autores, quer da literatura grega, quer da literatura latina, embora, como já foi dito, sejam estes últimos a beneficiar de um tratamento mais significativo.

Começemos pela literatura grega já que as referências encontradas não só são menos numerosas como também, salvo uma ou outra excepção, se ficam por situações genéricas, o que nos leva a fazer uma apresentação que fica muito próxima de uma simples listagem.

Sófocles tem duas referências através de uma expressão quase coincidente (*cothurnis Sophocleis*<sup>11</sup> e *Sophocleo cothurno*<sup>12</sup>).

Menandro também aparece por duas vezes: a primeira, em conjunto com outras personagens famosas, em um epigrama que espelha a irritação do poeta contra a inveja que faz com que os vivos sejam preteridos em favor dos mortos<sup>13</sup>; a segunda, em epigrama dos *Apophoreta*, a ilustrar

<sup>10</sup> Cf. 4.23.

<sup>11</sup> 3.20.7.

<sup>12</sup> 5.30.1.

<sup>13</sup> Cf. 5.10.9: *rara coronato plausere theatra Menandro* «raros teatros aplaudiram e coroaram a Menandro».

a oferta da obra *Tais* deste poeta, mas sem que este mereça qualquer referência específica<sup>14</sup>.

Também Safo merece duas menções distintas, que, no entanto, acabam por ter contextos muito próximos. De facto, o poeta pretende estabelecer paralelismos com duas poetisas latinas contemporâneas, Teófila e Sulpícia, e acaba por dizer que qualquer uma delas seria, seguramente, mais casta do que a poetisa de Lesbos, sem por isso deixar de ser menos douta<sup>15</sup>.

Calímaco, para além da referência em conjunto com Brutiano que já mencionámos, surge ainda uma outra vez com a particularidade de vir associado à sua obra *Aetia*, servindo de corolário a um epigrama em que Marcial defende a leitura dos seus próprios textos com a famosa frase *hominem pagina nostra sapit*<sup>16</sup> por oposição a outros textos de carácter mítico e fantástico<sup>17</sup>.

Antes de avançarmos para o autor grego mais marcante, vale a pena apresentar ainda um epigrama<sup>18</sup> em que nos são referidos quatro filósofos gregos, Demócrito, Zenão, Platão e Pitágoras, para contextualizar um homossexual que, quer pelo seu aspecto quer pelos conhecimentos (que, afinal, serão falsos), surge como um seguidor destes autores.

Centremo-nos agora em Homero que, mercê apenas de uma contagem através de referências óbvias<sup>19</sup>, aparece em 11 epigramas diferentes.

Três das referências encontram-se nos *Apophoreta*: a primeira para um produto cujo nome não cabe no hexâmetro por razões métricas e, por

<sup>14</sup> 14.187.

<sup>15</sup> Cf. 7.69.9-10: *Carmina fingentem Sappho laudavit amatrix / castior haec et non doctior illa fuit* «A apaixonada Safo louvava a sua arte de moldar os carmes / esta é mais casta, mas a outra não foi mais ilustrada» e ainda 10.35.15-16: *Hac condiscipula uel hac magistra / esses doctior et pudica, Sappho* «Fora esta tua colega ou tua professora / e terias sido mais douta, permanecendo casta, Safo».

<sup>16</sup> 10.4.10.

<sup>17</sup> Cf. 10.4.11-12: *Sed non uis, Mamurra, tuos cognoscere mores / nec te scire: legas Aetia Callimachi* «Mas tu não queres, Mamurra, conhecer os teus costumes / nem a ti próprio: pois lê então os *Aitia* de Calímaco».

<sup>18</sup> 9.47.

<sup>19</sup> Neste caso concreto, optámos por incluir algumas referências textuais sem referência ao autor.

isso, não podia ser usado nem por Vergílio nem por Homero<sup>20</sup>; as outras duas, são explicitações de livros, mas, em qualquer dos casos, os textos são praticamente inócuos em relação ao poeta<sup>21</sup>.

Duas indicações pautam-se pela utilização de expressões usadas pelo poeta grego: a primeira<sup>22</sup> para de alguma forma criticar o uso frequente de repetições que, se fossem aplicadas ao seu caso pessoal, poderiam fazer com que os livros de Marcial de pequenos se tornassem grandes; a segunda<sup>23</sup> serve para criticar o gosto de alguns seus contemporâneos pela atribuição de nomes próprios rebuscados. Outras três<sup>24</sup> sobressaem por Marcial utilizar, como símbolo da pobreza, a personagem homérica Iro<sup>25</sup>.

As três que faltam revelam alguma consideração de Marcial pelo poeta épico. De facto, em epigrama que já foi referido a propósito de Menandro, o poeta de BÍlbilis, tendo como objectivo a sua própria obra, censura a falta de reconhecimento que alguns grandes poetas tiveram entre os seus contemporâneos<sup>26</sup>. Em outros dois passos<sup>27</sup>, surgem referências a Homero que, embora tenham toda a aparência de episódicas, deixam a clara sensação de que escondem alguma admiração pelo autor dos Poemas Homéricos.

Verificamos, pois, que este conjunto, relativamente grande, de indicações sobre Homero acaba por ser algo enganador já que apenas em três se pode entrever, de forma mais clara, algum elogio ao poeta.

Viajemos, no entanto, da Grécia para Roma e vejamos quais os autores importantes que aparecem nos *Epigramas* e qual o valor que lhes é atribuído pelo Bilbilitano.

<sup>20</sup> 14.57.

<sup>21</sup> 14.183 e 14.184.

<sup>22</sup> 1.45.

<sup>23</sup> 1.50.

<sup>24</sup> 5.39, 6.77 e 12.32.

<sup>25</sup> Sobre o episódio em que surge esta personagem, veja-se o texto de Frederico Lourenço, "Um interlúdio paródico na *Odisseia*: o episódio de Iro (Canto XVIII)": Carlos de Miguel Mora (Coord.); *Sátira, paródia e caricatura: da Antiguidade aos nossos dias* (Aveiro, Universidade de Aveiro, 2003) 329-337.

<sup>26</sup> 5.10: *et sua riderunt saecula Maeoniden*; «e as gerações do tempo riram-se do Meónide».

<sup>27</sup> 7.46 e 11.90.

Começemos por aqueles que tem poucas referências (algumas até serão duvidosas) e apresentemo-los de forma quase telegráfica.

Com uma única referência — que, na maior parte das vezes, é perfeitamente inócua ou meramente episódica — temos uma longa lista de autores: os Sénecas, Quintiliano, Probo, Fedro, Pérsio, Énio, Galo, Cina, Sulpícia, Ácio, Pacúvio, Juvenal, Lucílio, Salústio e Calvo<sup>28</sup>. Merecem alguma relevância: o epigrama dedicado a Quintiliano em que o poeta elogia o autor da *Institutio oratoria* e aproveita para traçar os contornos que ambiciona para a sua vida; a desvalorização de Énio em relação a Vergílio; a oposição, pela negativa, de Cina em relação ao mesmo Vergílio; o elogio claro de Sulpícia e a crítica bastante dura a Calvo (o seu livro serviria apenas para deitar à água).

Vejamos agora autores que beneficiam de duas menções.

Tito Lívio é mencionado em epigrama que comporta o nome de muito outros autores<sup>29</sup> em ligação com as suas terras de origem e volta a aparecer, agora nos *Apophoreta*, por causa da oferta da sua obra<sup>30</sup>. No primeiro caso, o facto de se elogiar a terra natal<sup>31</sup> permite, seguramente, que vejamos no texto também um elogio a Lívio; já no segundo, o adjectivo *ingens* é, no mínimo, ambíguo já que se poderá referir quer à grandiosidade do autor quer à enorme extensão da sua obra<sup>32</sup>.

Propércio merece, na primeira aparição<sup>33</sup>, um adjectivo, *lasciue*, que aponta para uma das características da sua obra; no segundo caso, na apresentação do livro deste autor<sup>34</sup>, Marcial atribui-lhe outro adjectivo, *facundi* 'eloquente'. Podemos, pois, dizer que não estamos perante referências inócuas, mas antes perante uma avaliação medianamente positiva.

<sup>28</sup> Veja-se respectivamente: 1.61, 2.90, 3.2, 3.20, 4.29, 5.10, 8.73, 10.21, 9.47, 11.90, 11.90, 12.18, 14.191 e 14.196.

<sup>29</sup> 1.61.

<sup>30</sup> 14.190.

<sup>31</sup> 1.61.3-4: *censetur Aponi Livi suo tellus / Stellaque nec Flacco minus*: «a terra de Ápono é célebre pelo seu Lívio / por Estela e não menos por Flaco».

<sup>32</sup> 14.190: *Titus Livi in membranis / Pellibus exiguis artatur Livi ingens / quem mea non totum bibliotheca capit*: «Tito Lívio em pergaminho / Em exígua pele se comprime o ingente Lívio / que, completo, a minha biblioteca não comporta».

<sup>33</sup> 8.73.5: *Cynthia te uatem fecit, lasciu Properti* «Cíntia te fez poeta, lascivo Propércio».

<sup>34</sup> 14.189.



Plínio, o Moço, tem um epigrama que lhe é quase inteiramente dedicado<sup>35</sup> e onde Marcial aproveita para lhe atribuir o adjetivo *facundo*<sup>36</sup> e para recordar que este autor, nos seus discursos, tinha Cícero como modelo<sup>37</sup>. Poderá haver ainda uma outra referência a este autor<sup>38</sup>, mas o passo é demasiado genérico para que se possa ter uma certeza absoluta. No caso de se tratar deste autor, o Bilbilitano brinda-o com mais dois adjectivos elogiosos: *diserto* [*Secundo*] e *docti* [*Secundi*]. Estaríamos assim perante uma apreciação favorável da pessoa que, mais tarde, vai ajudar o nosso poeta a regressar à terra natal.

Vário, cuja obra não chegou até nós, mas que beneficiou de bom acolhimento na antiguidade, aparece referido três vezes e sempre, de algum modo, associado a Vergílio.

Num primeiro momento, o seu nome aparece ligado ao de Horácio para sublinhar a forte amizade do Mantuano que não terá querido compor determinado tipo de poesia para permitir que os seus amigos brilhassem mais<sup>39</sup>:

*et Vario cessit Romani laudi cothurni  
cum posset tragico fortius ore loqui.*

«e a Vário cedeu o louvor do romano coturno  
embora pudesse, em registo trágico, ser mais eloquente».

As outras duas referências têm, para além de Vergílio, um outro elemento em comum, a ideia do mecenatismo. No primeiro caso<sup>40</sup>, o poeta lamenta-se pela falta de apoios que faz com que a sua época — superior, na sua óptica, aos tempos antigos — acabe por não ter poetas de grande vulto. No segundo<sup>41</sup>, temos o agradecimento de Marcial a Terêncio Prisco, considerado um Mecenas, com a quase inevitável indicação dos nomes dos poetas que este último apoiou.

Apesar de não haver, nas referências a este autor, qualquer elemento explícito que possamos considerar laudatório, o contexto destas

<sup>35</sup> 10.20.

<sup>36</sup> 10.20.3: *facundo Plinio*.

<sup>37</sup> 10.20.15-17.

<sup>38</sup> 5.50.6-13.

<sup>39</sup> 8.18.7-8.

<sup>40</sup> 8.55.

<sup>41</sup> 12.3.

três indicações aponta, de forma inequívoca, para uma apreciação claramente favorável.

O poeta Tibulo merece quatro referências. A primeira, sem qualquer carácter valorativo em relação à sua obra, utiliza-o como padrão ao indicar um outro poeta que compõe dísticos elegíacos<sup>42</sup>. A segunda surge num epigrama de elogio aos dotes poéticos de Nerva, que, no final, é considerado o Tibulo do seu tempo<sup>43</sup>:

«*Sed tamen hunc nostri scit temporis esse Tibullum,  
carmina qui docti nota Neronis habet.*»

«Mas sabe que ele é dos nossos tempos o Tibulo  
quem os poemas do douto Nero conhece.»

A terceira surge também no livro oitavo e insere-se num grupo de poetas a quem o amor permitiu triunfar nas lides poéticas. Tibulo aparece associado a Némesis e, além disso, merece o qualificativo *arguti*<sup>44</sup>:

«*fama est arguti Nemesi formosa Tibulli*»

«Némesis formosa é a fama do melodioso Tibulo».

A última nota — que surge nos *Apophoreta* a ilustrar, precisamente, um livro seu<sup>45</sup> — volta a insistir em Némesis remetendo para um passo do poeta (1.50.30) em que, no entanto, não é Némesis que está em causa, mas sim Délia<sup>46</sup>. Não há, porém, qualquer indicação neste texto que nos permita vislumbrar uma apreciação positiva ou negativa. Podemos, pois, dizer que, sem ser particularmente efusivo, o Bilbilitano acaba por ter Tibulo em boa conta.

Quem surge por cinco vezes é Horácio o que, à luz da actualidade, nos causa alguma estranheza dada a dimensão poética que lhe é unanimemente reconhecida. Esta estranheza é agravada pelo facto de uma das referências<sup>47</sup> não ser completamente segura<sup>48</sup> e de as

<sup>42</sup> 4.6.

<sup>43</sup> 8.70.7-8.

<sup>44</sup> 8.73.7.

<sup>45</sup> 14.193.

<sup>46</sup> Como é conhecido, há outras confusões deste género na obra de Marcial.

<sup>47</sup> 5.30.2.

<sup>48</sup> Dulce Estefanía, em nota a este passo, diz que se pode tratar de Horácio ou de Énio cf. Marcial, *Epigramas completos*. Edición de Dulce Estefanía. Traducción de Dulce Estefanía. Madrid, Catedra, 21996, 209.

outras serem muito simples e, praticamente, sem qualquer carácter valorativo<sup>49</sup>.

De facto, em duas ocasiões, o nome de Horácio aparece apenas como um dos poetas que foi beneficiado por Mecenas: no primeiro caso, na companhia de Vergílio<sup>50</sup> e, no segundo, rodeado por Vário e Vergílio<sup>51</sup>.

Uma das vezes aponta-o como representante da poesia lírica, sendo, deste modo, um elogio, embora o objectivo do excerto seja o louvor de Vergílio que, se o quisesse, poderia ter superado até o próprio Píndaro, o que só não fez por amizade<sup>52</sup>:

«*Sic Maro nec Calabri temptavit carmina Flacci,  
Pindaricos nosset cum superare modos*».

«Também Marão não tentou a lírica do cálabro Flaco,  
embora soubesse superar os ritmos pindáricos».

As duas indicações restantes<sup>53</sup> apontam também o Venusino como representante da poesia lírica. Mas se é verdade que, agora, não é apresentada qualquer restrição, teremos de referir que também não surge qualquer palavra que possa, de algum modo, mostrar uma eventual simpatia de Marcial para com este poeta. Parece que ao nível em que estamos a fazer a nossa análise, perante a figura incontornável de Horácio, Marcial se limita a constatar o óbvio, isto é, que se trata de um poeta de referência, sem se querer comprometer com qualquer apreciação pessoal sobre o valor da sua poesia. Essa apreciação fica assim reservada para um segundo nível de intervenção através da exploração de temáticas que também estiveram na génese de alguma poesia horaciana.

Lucano aparece com seis referências em que o tom dominante é, claramente, o louvor, mas em que se nota também a amizade, nomeadamente, nos epigramas que são dirigidos a Póla Argentária, sua viúva. Há, ainda, um texto que nos deixa com alguns amargos de boca já

---

<sup>49</sup> Lembramos que estamos a falar, apenas, de referências expressas aos diversos autores, dado que, de outro modo, teríamos, entre muitos outros aspectos, de fazer um estudo exaustivo das temáticas relacionadas com os conceitos de *carpe diem* e *aurea mediocritas* tão frequentes nestes dois autores.

<sup>50</sup> 1.107.4.

<sup>51</sup> 12.3.1.

<sup>52</sup> 5.18.5-6.

<sup>53</sup> 5.30.2 (a ser Horácio, como tudo indica, o referente) e 12.94.5.

que Marcial deixa no ar a suspeita de que Lucano não seria um poeta assim tão bom.

Começemos pelos elogios e englobemos aí cinco composições. A primeira, inserida num epigrama que refere as terras de nascimento de alguns autores, tem uma nota muito breve, mas, mesmo assim, com o adjectivo *unicum*, para a ligação a Córdova<sup>54</sup>. Aparecem, depois, três epigramas seguidos no livro sétimo, todos a celebrar o *dies natalis* de Lucano: o primeiro<sup>55</sup> não explicita a faceta literária do autor, embora seja bastante laudatório; o segundo<sup>56</sup> e o terceiro<sup>57</sup> consideram Lucano um poeta de Apolo e equiparam-no quer aos poetas gregos quer aos grandes poetas latinos, colocando-o em segundo lugar, logo após Vergílio, como se pode subentender. Vejamos estes dois últimos textos:

«*Vatis Apollinei magno memorabilis ortu  
lux redit: Aonidum turba, fauete sacris.  
Haec meruit, cum te terris, Lucane, dedisset,  
mixtus Castaliae Baetis ut esset aquae.*»

«Está de volta o dia memorável pelo ilustre nascimento do vate de Apolo: virgens da Aónia, abençoai estas cerimónias. Ao trazer-te ao mundo, Lucano, este dia mereceu Que o Bétis se juntasse às águas da Castália.»

«*Phoebe, ueni, sed quantus eras cum bella tonanti  
ipse dares Latiae plectra secunda lyrae.  
Quid tanta pro luce precer? Tu, Polla, maritum  
saepe colas et se sentiat ille coli.*»

«Vem, Febo, mas grande como eras quando tu mesmo deste ao tonante de guerras o segundo arco da lira latina. Que voto farei, em dia tão ilustre? Que tu, Póla, ao teu marido Amiúde possas honrar e que ele sinta as honras que lhe prestas.»

A referência seguinte surge para justificar perante Póla a linguagem licenciosa do próprio Marcial através de um verso supostamente da autoria de Lucano já que, pelos dados actuais, não há notícia de tal verso

---

<sup>54</sup> 1.61.7-8: *duosque Senecas unicumque Lucanum / facunda loquitur Córdoba:* «dos dois Sénecas e do único Lucano / fala a eloquente Córduba».

<sup>55</sup> 7.21.

<sup>56</sup> 7.22.

<sup>57</sup> 7.23.

na obra deste poeta. Mas esta justificação aparece enquadrada por um verso de elogio ao poeta<sup>58</sup>:

«*Ille tuus uates, Heliconis gloria nostri*  
«O teu famoso vate, glória do nosso Hélicon».

Falta-nos referir o texto em que o Bilbilitano deixa a suspeita, ao arrepio de todas as outras composições dedicadas à mesma personagem, de que Lucano não será um bom poeta. Trata-se da apresentação de um livro de Lucano, incluída nos *Apophoreta*<sup>59</sup>:

«*Lucanus*  
*Sunt quidam qui me dicant non esse poetam:*  
*sed qui me uendit bybliopola putat.*»

«**Um Lucano**

Há quem diga que eu não sou poeta:  
mas o livreiro que me vende cuida que sim, que sou.»

Ainda que o primeiro verso apareça introduzido por um *sunt quidam* não deixa de ser ambígua toda esta afirmação. É que a própria frase afirmativa aparece formulada através de um *putat* referido a um livreiro o que nos deixa na dúvida sobre o que, realmente, terá estado na origem dessa afirmação positiva: o valor do poeta ou o interesse em vender mais livros?

É óbvio que, para uma apreciação de conjunto das referências a Lucano, teremos de ter em atenção que este último texto foi o primeiro a ser escrito e, como hipótese, poderemos considerar que o terá sido numa altura em que Marcial teria poucas referências sobre Lucano e, sobretudo, ainda não teria iniciado as fortes relações de amizade que se seguiram e que, ontem como hoje, também servem, às vezes, de elemento aferidor para a qualidade literária.

Ovídio é merecedor de sete referências. Duas invocam o povo a que o poeta pertencia: a primeira<sup>60</sup>, inserida num conjunto de outros autores,

---

<sup>58</sup> 10.64.3.

<sup>59</sup> 14.194.

<sup>60</sup> 1.61.6: *Nasone Paeligni sonant*: «com Nasão ressoam os Pelignos».

para os associar à sua terra de origem; a segunda<sup>61</sup>, através da citação de um suposto verso do sulmonense sobre o riso, para, a partir daí, aconselhar alguém a não se rir.

Em duas outras ocasiões, Ovídio é apresentado como símbolo dos bons poetas: no livro terceiro<sup>62</sup>, Marcial tenta dissuadir alguém a vir para Roma e um dos argumentos que utiliza é que, no seu tempo, poetas da categoria de Ovídio e de Vergílio, passavam frio por falta de recursos; já no livro quinto<sup>63</sup>, em conjunto mais numeroso, Ovídio é um dos exemplos de poetas que não terão sido valorizados no seu tempo. Sublinhe-se, no entanto, que, pelo menos neste caso, Marcial está a forçar um pouco a realidade para atingir os seus objectivos.

Corina, a musa de Ovídio, vai ser o elemento catalizador das duas referências seguintes<sup>64</sup>: primeiro, num texto em que o Bilbilitano, ao pretender para si um grande amor como fonte inspiradora, apresenta o exemplo de outros poetas em que isso aconteceu, cabendo, naturalmente, ao poeta peligno (outra vez esta designação) a sua Corina, em dois versos em que aparece associado a Vergílio<sup>65</sup>; depois, já no livro duodécimo, para mostrar o valor do seu parente (ou, eventualmente, seu irmão) Único, Marcial acaba por dizer que ele seria digno de ser amado por Corina, logo depois de Ovídio<sup>66</sup>.

---

<sup>61</sup> 2.41.1-2. Mais uma vez, surge um verso que, na actualidade, não é reconhecido como sendo da autoria do poeta a quem é atribuído. Note-se, no entanto, que, desta vez, Marcial tem o cuidado de indicar que não terá a certeza, através da intercalação do verbo *puto*: "*Rides si sapis, o puella, ride*" / *Paelignus, puto, dixerat poeta*: «'Ri, se és esperta, ó moça, ri' / dissera, creio eu, o poeta peligno».

<sup>62</sup> 3.38.9-10: *Insanis: omnes gelidis quicumque lacernis / sunt ibi, Nasones Vergiliosque uides*: «Endoideceste: em todos quantos estão para aí, / com enregeladas lacernas, podes ver Nasões e Virgílios».

<sup>63</sup> 5.10.10: *norat Nasonem sola Corinna suum*: «só Corina conhecia o seu Nasão».

<sup>64</sup> Repare-se que ela já aparecia no texto imediatamente anterior.

<sup>65</sup> 8.73.9-10: *non me Paeligni nec spernet Mantua uatem, / si qua Corinna mihi, si quis Alexis erit*: «nem os Pelignos nem Mântua me desdenharão como poeta / se uma Corina, se um Aléxis tiver».

<sup>66</sup> 12.44.6: *te post Nasonem blanda Corinna sequi*: «a meiga Corina te poderia seguir depois de Nasão».

Uma última referência aparece nos *Apophoreta*, para as *Metamorfoses*, mas limita-se a sublinhar o grande tamanho da obra do sulmonense<sup>67</sup>.

Verificamos, pois, que Marcial consegue mostrar que atribuía algum valor a Ovídio já que é um dos nomes que invoca quando se quer referir a poetas famosos.

A Sílio Itálico são consagradas oito referências<sup>68</sup> que poderemos agrupar em três grupos. O primeiro, com três indicações, para o valor de Sílio como poeta e para a sua obra literária. Assim, no livro quarto<sup>69</sup>, há um epigrama dedicado a Sílio, por altura das Saturnais, onde se faz o elogio do poeta com uma referência à sua obra *Punica*. Já no livro sexto, surge uma referência ocasional (o exemplo de alguém que lê a obra de Marcial), mas acentuada pelo adjectivo *perpetui*<sup>70</sup>.

O segundo apresenta dois epigramas ligados à vida familiar deste poeta. Num primeiro momento, Marcial faz o elogio do poeta pelo sucesso político do seu filho<sup>71</sup>. Ainda que não haja qualquer referência à actividade poética do pai, não deixam de aparecer as Camenas e a casa de Castália. No livro seguinte, surge um poema de consolação pela morte do seu outro filho<sup>72</sup> e desta vez não fica esquecida a sua dupla faceta literária, através da prosa e da poesia.

O último grupo comporta três poemas<sup>73</sup> que se dedicam, no essencial, a louvar o comportamento de Sílio Itálico por ter comprado o túmulo de Vergílio e uma *uilla* de Cícero e por ocupar algum do seu tempo a honrar estes dois autores que eram os seus modelos. De realçar que, no segundo texto<sup>74</sup>, Marcial chega a dizer que Sílio não é inferior a Vergílio.

---

<sup>67</sup> 14.192.

<sup>68</sup> Uma não é completamente clara, já que nunca aparece o seu nome, mas o paralelismo com outros textos indica que deveremos estar em presença de mais um texto dedicado a Sílio Itálico.

<sup>69</sup> 4.14, *maxime* 1-5.

<sup>70</sup> 6.64.10: *quas et perpetui dignantur scrinia Sili*: «[os poemas] são dignos das estantes do imortal Sílio».

<sup>71</sup> 8.66.

<sup>72</sup> 9.80.

<sup>73</sup> 11.48; 11.50; 12.67 (este último sem nos permitir certezas absolutas).

<sup>74</sup> 11.50(49).3-4: *Silius orbatae succurrere censuit umbrae / et uatem, non minor ipse, colit*: «Sílio decidiu vir em socorro daquela sombra amada: / honra assim o poeta um poeta não menos inspirado».

Parece, pois, claro que Sílio Itálico é um poeta muito apreciado por Marcial que respeitava também bastante a sua carreira política, bem como a da sua família. Daí que não se estranhe um claro tom laudatório que percorre quase todas as referências a este autor.

Passemos, agora, para os autores mais referidos por Marcial: Cícero, Catulo e Vergílio.

Cícero merece uma dúzia de referências, mas, de entre todas, só quatro não estão expressamente ligadas à sua figura como símbolo da oratória romana. A primeira, logo no livro segundo, recorda-nos que o Arpinate também se dedicou à poesia, mas, como diz Marcial, *Musis et Apolline nullo*<sup>75</sup>. A segunda, já no livro nono, faz uma citação invertida, por razões métricas, da famosa expressão *O tempora! O mores!*, indicando o autor e apontando para obra em que se encontra<sup>76</sup> sem se alongar em outras considerações que, de facto, se não adequavam ao tema tratado pelo epigrama em causa. A terceira, no livro undécimo<sup>77</sup>, apresenta-nos Sílio Itálico a prestar honras quer a Virgílio quer a Cícero sem nos referir as razões de tal acto, embora, como é óbvio, não seja difícil adivinhar que isto se fica a dever à enorme admiração que este autor tinha por estes dois grandes vultos da literatura latina. Finalmente, a referência de *Apophoreta* diz-nos apenas que estamos perante uma obra de Cícero em pergaminho<sup>78</sup> sem especificar o título. Dada a insinuação de uma longa viagem, *longas vias*, poderemos pensar que o pergaminho poderia conter várias obras.

Todas as outras nove referências se enquadram, de forma muito clara, na glorificação de Cícero como símbolo da eloquência latina. No livro terceiro, quando alguém se propõe ir para Roma defender causas, diz que o fará melhor do que o próprio Cícero<sup>79</sup>; ainda no livro terceiro,

---

<sup>75</sup> 2. 89.3-4: *Carmina quod scribis Musis et Apolline nullo / laudari debes: hoc Ciceronis habes*: «Se escreves poemas sem Musas e sem Apolo, / deves ser louvado: tens o vício de Cícero».

<sup>76</sup> 9.70.1-2. Como se sabe, esta expressão, além de aparecer em *In Catilinam* 1.2, encontra-se também em outras obras, nomeadamente: *In Verrem* 2.4.56; *De Domo suo* 137; *Pro Rege Deiotaro* 31. Veja-se a este propósito, Marcial, *Epigramas* vol. III, 129.

<sup>77</sup> 11.48.

<sup>78</sup> 14. 188.

<sup>79</sup> 3.38.3: *“Causas” inquis “agam Cicerone disertior ipso”*: «‘Causas — replicas tu — defenderei com mais eloquência que o próprio Cícero’».



quando se critica o assassínio de Pompeio e de Cícero (nomes que não são avançados, antes têm de ser adivinhados pelo conhecimento dos dados históricos que nos são apresentados), este é, novamente, apresentado como 'a cabeça de Roma' na eloquência<sup>80</sup>. Mais tarde, já no livro quinto, há um outro epigrama<sup>81</sup> muito semelhante a este, mas, desta vez, com a explicitação do nome do Arpinate e com duas referências elogiosas: *Romana ora, sacrae linguae*.

No livro quarto, há uma nota esporádica<sup>82</sup>, já que o tema do epigrama é completamente diferente, mas onde fica claro que falar de Cícero é falar do expoente da oratória. Outra ocorrência esporádica aparece no livro quinto, onde Cícero, Catão e Bruto surgem como oradores famosos<sup>83</sup>. Ainda no mesmo livro<sup>84</sup>, numa diatribe contra a aprendizagem das letras por estas não propiciarem rendimentos que se vejam, Cícero aparece como o modelo dos oradores ao lado de Vergílio como modelo dos poetas épicos.

Nas duas referências seguintes, o Arpinate vai surgir como modelo de eloquência para Sílio Itálico e para Plínio. O texto do livro sétimo, faz um apanhado das principais actividades de Sílio, apresentando o seu gosto pelo cultivo da poesia épica, à imitação de Vergílio, depois de ter praticado a oratória onde teve como guia Cícero<sup>85</sup>. Já no livro décimo, é Plínio quem se preocupa em produzir discursos que possam vir a ser comparados com os de Cícero<sup>86</sup>.

É fácil de constatar a simpatia e a admiração que Marcial dedicava ao Arpinate, não só pelo número de referências que lhe faz, mas também pela maneira positiva como o apresenta, com excepção, naturalmente, do seu gosto para a poesia. Esta simpatia e admiração devem enquadrar-se em dois grandes motivos: a preferência que Marcial teria por Cícero (caso contrário não lhe faria elogios) e a consciência de que, naquela época, Cícero era, sem margem para dúvidas, o grande modelo da oratória.

---

<sup>80</sup> 3.66 *maxime* 1-4.

<sup>81</sup> 5.69.

<sup>82</sup> 4.16.5.

<sup>83</sup> 5.51.5.

<sup>84</sup> 5.56.4-5.

<sup>85</sup> 7.63.5-6.

<sup>86</sup> 10.20.15-18.

Verifiquemos, agora, de que maneira o Bilbilitano se relaciona com Catulo<sup>87</sup>. No total, considerámos vinte e duas referências, mas quatro já foram apresentadas a propósito dos modelos que Marcial se propôs seguir ao escrever os seus epigramas. Das restantes dezoito, quatro surgem nos *Apophoreta*. A primeira<sup>88</sup> a propósito de uma gaiola de marfim que serviria para reter até o pardal de Lésbia. As duas seguintes, em termos exactamente iguais através da expressão *docti tibi terra Catulli*<sup>89</sup> para a indicação de dois objectos distintos e a quarta através da apresentação da obra do poeta que é identificada pela ligação do poeta a Verona em paralelo com a ligação de Vergílio a Mântua<sup>90</sup>.

As restantes catorze permitem que, deixando de lado três referências que abordam ideias isoladas, possamos fazer dois grupos: um dedicado ao valor literário do Veronês e o outro contendo reminiscências da obra catuliana.

Começemos pelas referências isoladas. No livro primeiro, em epigrama a que já aludimos, quando Marcial faz a ligação de alguns autores às suas terras não se esquece de Catulo e liga-o, naturalmente a Verona<sup>91</sup>. No livro quarto, Marcial refere uma lenda que dizia ter Catulo oferecido a sua obra a Vergílio<sup>92</sup>, embora hoje saibamos que isto terá sido altamente improvável. No livro duodécimo, como já tivemos oportunidade de referir a propósito de Ovídio, Marcial, para realçar o valor de Único, chega a dizer que Lésbia o amaria<sup>93</sup>.

---

<sup>87</sup> Neste caso concreto, alargámos um pouco a nossa análise para além das referências explícitas ao Veronês, mas detivemo-nos apenas em um ou outro caso de alusões e reminiscências. De facto, no caso concreto de Catulo, a exploração de alusões, reminiscências e referências merecia, por si só, um estudo (feito por Paolo Fedeli), dada a frequência com que a obra de Catulo é explorada. É que, como se sabe, Catulo é um dos modelos de Marcial na construção dos seus epigramas.

<sup>88</sup> 14.77.

<sup>89</sup> 14.100 e 14.152.

<sup>90</sup> 14.195.

<sup>91</sup> 1.61.1: *Verona docti syllabos amat uatis*: «Verona ama os metros do seu douto poeta».

<sup>92</sup> 4.14.12-13: *Sic forsan tener ausus est Catullus / magno mittere Passerem Maroni*: «Foi assim, talvez, que o delicado Catulo ousou / ao grande Marão enviar o seu Pardal».

<sup>93</sup> 12.44.5: *Lesbia cum lepido te posset amare Catullo*: «Lésbia te poderia amar com o gracioso Catulo».

Vejam agora os casos em que há alguma referência ao valor literário de Catulo. Logo no livro primeiro, em poema adulatário a Lúcio Estela<sup>94</sup>, este autor aparece a suplantam o Veronês. Já no livro décimo, em poema dirigido a um amigo, Marcial aspira a ser lido ao lado dos poetas antigos e, de preferência, em segundo lugar, logo atrás de Catulo<sup>95</sup>. Ainda neste livro, o poeta começa a estabelecer um paralelo entre Verona e BÍlbilis e acaba por defender que o seu próprio valor será bastante idêntico ao de Catulo<sup>96</sup>.

Falta-nos ainda percorrer algumas alusões e reminiscências à obra catuliana. No livro primeiro, o texto que tem por tema a cadela Issa começa com uma alusão ao pardal de Catulo<sup>97</sup>. No livro sexto, em poema dedicado à quantidade de beijos, não podia faltar a referência a Catulo e a Lésbia<sup>98</sup>. No livro sétimo, mais uma referência a Catulo, a Lésbia e ao pardal<sup>99</sup>. No livro oitavo, há um poema com claras reminiscências de alguns textos catulianos o que é ainda reforçado pela utilização do nome Catula<sup>100</sup>. Ainda neste livro, numa mistura de reminiscência e de tradição, Lésbia é apresentada como a musa inspiradora do Veronês<sup>101</sup>. No livro undécimo, há referências claras aos beijos catulianos e ao pardal das suas

<sup>94</sup> 1.7.

<sup>95</sup> 10.78.14-16.

<sup>96</sup> 10.103.5-6.

<sup>97</sup> 1.109.1: *Issa est passere nequior Catulli*: «Issa é mais maliciosa que o pardal de Catulo».

<sup>98</sup> 6.34.7-8: *Nolo quot arguto dedit exorata Catullo / Lesbia: pauca cupit qui numerare potest*: «Não quero os que ao melódico Catulo deu de encomenda Lésbia: poucos deseja quem é capaz de os contar».

<sup>99</sup> 7.14.3-4: *non quales teneri ploravit amica Catulli / Lesbia, nequitiis passeris orba sui*: «Não as que chorava a amante do terno Catulo / Lésbia, ao ser privada dos brinquedos do seu pardal».

<sup>100</sup> 8.54(53): *Formosissima quae fuere uel sunt, / sed uilissima quae fuere uel sunt, / o quam te fieri, Catulla, uellem / formosam minus aut magis pudicam!* «Ó mais bela de quantas viveram ou vivem / mas a mais reles de quantas viveram ou vivem, / oh como eu gostaria, Catula, que te tornasses / menos bela ou mais casta». Pelas razões invocada por Cristina Pimentel, seguimos o texto adoptado pelos tradutores portugueses: cf. Marcial, *Epigramas* vol. III, p. 81, n. 154.

<sup>101</sup> 8.73.8: *Lesbia dictauit, docte Catulle, tibi*: «Lésbia te ditou, douto Catulo, <a poesia>».

composições<sup>102</sup>. Ainda no mesmo livro, há uma evidente reminiscência de Catulo, no primeiro verso do epigrama dirigido a Júlio Cerial<sup>103</sup>. Para terminar e já no livro duodécimo, mais uma referência aos beijos que Lésbia deu a Catulo<sup>104</sup>.

Parece evidente, apesar de estarmos perante uma amostra pequena no que se refere a reminiscências, a boa conta em que Marcial tinha Catulo. Isto fica-se a dever não só ao facto de o Veronês ter sido um dos seus modelos para a literatura epigramática quer ao nível do género quer ao nível do gosto pessoal do poeta, mas também ao forte poder que a obra e as personagens catulianas continuavam a ter na Roma do século I depois de Cristo.

É também interessante verificar os adjectivos que vão sendo atribuídos ao poeta de Verona nos livros de epigramas: cinco vezes *doctus*: *docti uatis* (1.61); *docto Catullo* (7.99); *docte Catulle* (8.73); *docti Catulli* (14.100) e *docti Catulli* (14.152); duas vezes *tener*: *tener Catullus* (4.14); *teneri Catulli* (7.14); e uma vez cada *arguto Catullo* (6.34); *tenui Catullo* (10.103); *lepido Catullo* (12.44).

Como se pode ver, há uma clara predominância do adjectivo *doctus* que aponta para uma das características principais pela qual o poeta era conhecido: a sua inclusão na escola alexandrinista que, entre outros nomes, adoptava a designação de *poetae docti*.

Vejamos agora o autor que merece mais referências por parte de Marcial. Trata-se de Vergílio que aparece mencionado de forma clara vinte e quatro vezes, embora ainda pudéssemos contabilizar mais se valorizássemos, a este nível, todas as referências a Aléxis e mesmo a algumas situações e personagens da *Eneida* e das outras obras do Mantuano.

Quatro destas menções surgem nos *Apophoreta*. A primeira é desencadeada pela apresentação de um produto cujo nome, por razões

<sup>102</sup> 11.6.13-16: *Da nunc basia, sed Catulliana: / quae si tot fuerint quot ille dixit / donabo tibi Passerem Catulli* «Agora, dá-me beijos, mas ao jeito de Catulo: / e se forem tantos como os que ele dizia, / hei-de oferecer-te o pardal de Catulo». Também poderemos ver neste texto algumas reminiscências do carme catuliano *Cenabis bene...*

<sup>103</sup> 11.51.1: *Cenabis bene, Iuli Cerialis, apud me*: «Jantarás bem, Júlio Cereal, em minha casa».

<sup>104</sup> 12.59.3: *quantum Lesbia non dedit Catullo* «quantos nem a Catulo deu Lésbia».

métricas, não podia ser utilizado no hexâmetro, daí que nem Vergílio, nem Homero o tenham podido usar<sup>105</sup>. O segundo texto faz a apresentação do *Culex* de Vergílio, segundo a opinião corrente no tempo de Marcial, mas engloba uma referência à *Eneida* através das palavras iniciais *Arma uirumque*<sup>106</sup>. A terceira apresenta a obra do Mantuano em pergaminho, mas não explicita se é toda ou apenas uma parte, embora a utilização do adjectivo *immensum* pareça apontar para a totalidade<sup>107</sup>. Este pergaminho inclui ainda um retrato do poeta na primeira página. A quarta surge a propósito da apresentação do livro de Catulo que vai ser posto em paralelo com Vergílio no que diz respeito às terras de nascimento<sup>108</sup>.

As outras vinte referências poderão agrupar-se, com excepção de uma menção perfeitamente ocasional, em dois grupos: as que dizem respeito ao apoio que Mecenas concedeu aos poetas do seu círculo e as que se enquadram na concepção de Vergílio como símbolo da poesia, sobretudo da poesia épica.

A menção ocasional surge no livro sétimo, em texto já comentado, e apresenta Vergílio a cantar o seu Aléxis<sup>109</sup>.

A ligação a Mecenas, e a outros poetas, é apresentada por três vezes. Logo no livro primeiro<sup>110</sup>, em ligação com Horácio:

«*Otia da nobis, sed qualia fecerat olim*  
*Maecenas Flacco Vergilioque suo*»  
 «Dá-me tempo livre, qual concedeu outrora  
 Mecenas a Flaco e ao seu Vergílio.»

Surge, depois, no livro oitavo, em epigrama consagrado na totalidade a Vergílio e aos benefícios que Mecenas lhe proporcionou. Este texto tem ainda subjacente que Vergílio é o expoente máximo da poesia

---

<sup>105</sup> 14.57.

<sup>106</sup> 14.185.

<sup>107</sup> 14.186.

<sup>108</sup> 14. 195.

<sup>109</sup> 7.29.7-8.

<sup>110</sup> 1.107.3-4.

em Roma<sup>111</sup>. Aparece, por fim, no livro duodécimo, em ligação com Horácio e Vário<sup>112</sup>:

«*Quod Flacco Varioque fuit summoque Maroni  
Maecenas, atavis regibus ortus eques*»

«Quanto Flaco e Vário e o incomparável Marão colheram  
do cavaleiro Mecenas de antiga linhagem real».

Muito mais numerosas são as referências que, de uma forma ou de outra, tornam explícito ou têm subentendido que o Mantuano é o valor maior da poesia latina e estas indicações vão surgir em quase todos os livros (ficam de fora o segundo, o sexto e o nono). No livro primeiro, no epigrama que associa o nome de grandes autores às terras em que nasceram, não podiam faltar Mântua e Vergílio<sup>113</sup>. Passamos depois para o livro terceiro onde, num único texto, esta referência aparece por duas vezes: a primeira com Vergílio a aparecer sozinho e a segunda a surgir associado a Ovídio<sup>114</sup>. Já no livro quatro surge a lenda da oferta do livro de Catulo, pelo próprio autor, ao Mantuano, com o claro intuito de dizer que até o Veronês reconheceu a sua superioridade<sup>115</sup>. No livro quinto deparamos com quatro indicações: a primeira em que é valorizada a obra e o poeta<sup>116</sup>; a segunda em que é censurado o desprezo dado aos poetas vivos, privilegiando os mortos, com a oposição Vergílio/Énio<sup>117</sup>; a terceira

<sup>111</sup> 8.55. Tal como em outras ocasiões e com outros autores, também aqui Marcial faz alguma confusão nas indicações que fornece da obra de Vergílio. Veja-se que aparecem atribuídas a Títilo algumas características de Melibeu.

<sup>112</sup> 12.3.1-2.

<sup>113</sup> 1.61.2.

<sup>114</sup> 3.38.7-10: *Si nihil hinc ueniet, pangetur carmina nobis: / audieris, dices esse Maronis opus. / Insanis: omnes gelidis quicumque lacernis / sunt ibi, Nasones Vergiliosque uides*: «Se nada daqui advier, escreveremos poemas: / quando os ouvires, dirás que são obra de Virgílio'. / Endoideceste: em todos quantos estão para aí, / com enregeladas lacernas, podes ver Nasões e Virgílios».

<sup>115</sup> 4.14.13-14. Veja-se o que se disse sobre esta lenda quando apresentámos o texto a propósito de Catulo.

<sup>116</sup> 5.5.7-8: *Ad Capitolini caelestia carmina belli / grande cothurnati pone Maronis opus*: «Junto aos divinos poemas sobre a guerra capitolina / coloca <apenas> a obra grandiosa do egrégio Marão».

<sup>117</sup> 5.10.7: *Ennius est lectus saluo tibi, Roma, Marone*: «Énio foi lido, Roma, enquanto ainda tinhas vivo Marão.»

para acentuar que a menor prenda que se poderia dar a um poeta era Aléxis<sup>118</sup>; na quarta, Vergílio surge como símbolo da poesia épica a estudar nas escolas ao lado de Cícero como símbolo da oratória<sup>119</sup>.

No livro sétimo, vamos deparar com um epigrama em que está subentendido que Vergílio era o maior poeta, a que se seguiria, neste contexto, a figura de Lucano<sup>120</sup>; ainda neste livro, surge-nos a figura de Sílio Itálico a imitar, na poesia, o Mantuano<sup>121</sup>.

São duas as referências encontradas no livro oitavo, embora lhes possamos acrescentar uma terceira<sup>122</sup> que preferimos tratar no âmbito do mecenatismo. A primeira elogia a forte amizade de Vergílio em relação a Horácio e a Vário que o terá levado a prescindir da poesia lírica e da tragédia para que estes dois amigos pudessem brilhar a grande altura<sup>123</sup>:

*«Sic Maro nec Calabri temptavit carmina Flacci,  
Pindaricos nosset cum superare modos  
et Vario cessit Romani laude cothurni,  
cum posset tragico fortius ore loqui.»*

«Também Marão não tentou a lírica do cálabro Flaco,  
embora soubesse superar os ritmos pindáricos,  
e a Vário cedeu o louvor do romano coturno,  
embora pudesse, em registo trágico, ser mais eloquente.»

A segunda indica-nos o amor que terá inspirado Vergílio, Aléxis, com a ligação a Mântua, em paralelo com a inspiração de Ovídio, Corina, e o povo a que este poeta pertencia, os Pelignos<sup>124</sup>.

No livro décimo, Marcial censura a alguém o facto de considerar Cina maior do que Vergílio<sup>125</sup>. Já no livro undécimo, que contém três

---

<sup>118</sup> 5.16.11-12: *Sed non et ueteres contenti laude fuerunt, / cum minimum uati munus Alexis erat*: «Mas não só de louvor se contentaram os antigos, / quando a mais pequena prenda para o poeta era um Aléxis».

<sup>119</sup> 5.56.4-5: *nihil sit illi / cum libris Ciceronis aut Maronis*: «que ele despreze / os livros de Cícero ou Marão».

<sup>120</sup> 7.23.1-2.

<sup>121</sup> 7.63.5-6.

<sup>122</sup> 8.55.

<sup>123</sup> 8.18.5-8.

<sup>124</sup> 8.73.9-10.

<sup>125</sup> 10.21.4: *iudice te maior Cinna Marone fuit*: «em tua opinião, Cina foi maior que Marão».

referências, encontramos, por duas vezes<sup>126</sup>, Sílio Itálico a honrar Vergílio (numa das ocasiões em ligação com Cícero) e a opinião de Marcial a defender que a obra de Júlio Cerial poderia ser colocada logo a seguir à de Vergílio<sup>127</sup>.

Para terminar, no livro duodécimo, é apresentada com traços positivos a celebração do dia de nascimento de Vergílio<sup>128</sup>.

Para reforçamos um pouco a apreciação positiva que Marcial apresenta do Mantuano, vejamos ainda os adjectivos que utiliza para o qualificar: *magnus* surge por três vezes — *magno Maroni* (4.14); *magni Maronis* (11.48 e 12.67) —; *cothurnatus* por duas — *cothurnati Maronis* (5.5 e 7.63) — e ainda as seguintes utilizações isoladas — *facundi Maronis* (14.185); *immensum*<sup>129</sup> *Maronem* (14.186; *sacri Maronis* (8.55); *santa Maronis nomina* (11.50); *aeterno Vergilio* (11.52).

Não há dúvida de que Vergílio é o poeta que melhor é referenciado por Marcial não só porque se refere muitas vezes ao seu nome ou a situações que para ele apontam, mas, sobretudo, porque surge, em quase todas as ocasiões, como o expoente máximo da poesia épica e mesmo da poesia latina em geral.

A terminar, importa sublinhar que a opção pelo epigrama limitou seguramente Marcial nas suas referências a outros autores literários, mas, mesmo assim, não o impediu de mostrar, de forma clara, a sua simpatia por um conjunto de autores entre quais poderemos salientar, entre os contemporâneos, Lucano e Sílio Itálico, e entre aqueles que já tinham morrido, Cícero, Catulo e o 'imorreidoiro Vergílio'.

---

<sup>126</sup> 11.48 e 11.50.

<sup>127</sup> 11.52.16-18: *Plus ego polliceor: nil recitabo tibi, / ipse tuos nobis relegas licet usque Gigantas / rura uel aeterno proxima Vergilio* «Ainda te prometo mais: não te vou recitar nada, / mesmo que de fio a pavio me releias os teus Gigantes / e as Geórgicas, tão próximas do eterno Virgílio».

<sup>128</sup> 12.67.

<sup>129</sup> O adjectivo estará, seguramente, direccionado para a obra do Mantuano.